

# Clique

**Eliane Ganem**

## **Prefácio**

*Clique* é um texto de cunho histórico, mas romanceado, passado na famosa passeata dos caras-pintadas, na cidade do Rio de Janeiro, na Cinelândia, na década de 90 do século passado.

Cinelândia tem sido palco dos mais importantes acontecimentos históricos, daí a sua menção aqui. A trama se dá em torno da história do amor de Isabel por Marcelo, história interrompida durante a ditadura militar e retomada exatamente nesta cobertura que os dois foram designados a fazer juntos para o mesmo jornal.

Em **Clique** estão as muitas versões para momentos políticos distintos que vivemos. Como é um livro de ficção, os comentários e opiniões são fictícios e de responsabilidade exclusiva dos personagens, principalmente Marcelo, que é um ativista inconformado, um repórter fotográfico da antiga esquerda e um neurótico extremado. A narrativa acontece de forma inusitada - ora através de Marcelo, ora através de Isabel, ou ainda na terceira pessoa, tomando o espaço que a narrativa impessoal deve ocupar. Essa concepção literária partiu da necessidade de focalizar cenas de ângulos diferentes – como faria a câmera de Marcelo e os olhos atentos da jornalista que o acompanha.

O texto é entremeado por algumas músicas que serviram de trilha sonora para aquilo que vivemos nesse nosso país no século XX. Na verdade, esses músicos - cantores e compositores - são aqui homenageados, pois foi com a música deles que resistimos com mais alegria às tortuosas vias do nosso recente passado.

A Autora

**D**entro deste mundo não há absolutamente nada que não tenha relação com natureza. Não há, portanto, na realidade, nada que seja artificial ou antinatural. O desprezo ou desafio às leis naturais acarreta resultados desastrosos. Enquadrado. Um pouco mais à esquerda. Agora, menino. Eu te pego no melhor ângulo. Calma. Agora. Peguei. Um deus, parece um deus assim de perto. Se é que um deus uivava tal mensageiro de um poderoso rei. Quem lhe pintou o rosto senão você mesmo em frente ao espelho de um lago profundo. E vem agora pra avenida desfilar multidão aos pés dos homens falsos. Que saia o rei, nós o depomos. Que caia o rei!

- Marcelo! Trouxe a câmera?

-Claro!

-Quantas fotos?

- Poucas! Mas o suficiente!

- Beleza! Há muito tempo não via tanta gente. O que há com você? Parece fora do ar?!

Marcelo olhava para além da praça, como se varasse em outras redondezas. Isabel esperava uma resposta, enquanto observava o cansaço das olheiras. Salientes sombras qual nuvens enegrecidas que por sobre a lua passam, assim era o olhar de Marcelo. O que há? Insistiu mais uma vez. O amigo revirou ao céu o pontudo queixo e respondeu, não sei, Isabel, acho que já vivi muito. Mas mesmo assim não me canso. Cansados estão apenas os meus olhos e esta velha câmera. Riu. Na verdade, não sei mais olhar o mundo sem ela. Estava aqui a imaginar multidão igual a essa, que tantas vezes vi em outros lugares.

Braços dados corrente humana a depositar esperança sobre todos os pés. Tão firmes e tão fortes. Mais nada, apenas o cheiro ensurdecido das veias dos que pisavam o chão com tamanha altivez. *Deitado em berço esplêndido*, ao som do mar da avenida beira mar e à luz do sol profundo que queimava sobre arejadas cabeças. O que fazia eu nessa terra santa, a brigar contra canhões e metralhadoras. Marcelo é o meu nome e sou brasileiro. Nada tenho a ver com a guerra do Golfo. Nem sei porque o jornal me mandou aqui cobrir tamanha desfaçatez. O rosto encoberto das muçulmanas. Cobrem o rosto as mulheres do outro lado do Pérsico. Escondem lantejoulas brilhantes aos fleches que pipoco sobre elas. E me olham como se fosse eu um ignorante. E sou, perto da imensidão que se

abre entre eu e o velho que corre pelo chão como cobra pisada. Acho que estou velho, Isabel.

- Que nada! Galinha velha é que dá bom caldo!

Milhares de papéis picados. Imensas faixas com palavras apropriadas a uma passeata. É bom ser brasileiro nessas horas. Estufa o peito, abre os braços e canta alto, altos brados *brava gente, brasileira, longe vá* temor profundo, medo de ser alguém metido à besta neste Brasil tão grande, que do Arroio ao Chuí faz uma festa de vida em cada palmo de terra, se não mata a terra se lambuza dela e do mato a dentro, do rio que mata a sede, que é verde e amarelo o rosto daquele ali. Fora político corrupto, que essa terra é nossa. Tenho orgulho, tchê!

- Marcelo! Ali! Em cima da estátua. Um bêbado negro e uma pomba pousada em seu dedo. Pega ele! Agora! Aperta o botão, cara!

- Espera, Isabel! Algo mais vai acontecer.

O bêbado abriu a camisa surrada e por dentro do peito apareceu o símbolo do super-homem. Voava até nesse instante, a mão esquerda agarrada no pescoço do monumento enquanto o outro braço estendido e a pomba lá como se quisesse explodir a goela inchada de cachaça. Pára aí, cara, que tu vai virar capa de jornal!, Marcelo rodava a máquina enquanto o homem quase despencava como um pássaro gigante, abatido em câmera lenta.

- Senta aqui! Vamos tomar um trago!

- Agora não, Isabel! Mais tarde!

- Senta, vai! Muita confusão! Daqui dá pra observar melhor!

- Estava pensando nos muçulmanos...

- Garçom! Dois chopes! Muçulmanos?

- Na guerra do Golfo, Irã e os malditos americanos.

- Tu num gosta mesmo de americano, né?

- Sei não! Sabe aquela piada que fala do Brasil? Que o país é uma beleza, não tem guerra, terremoto, nem mesmo tremor de terra. E aí alguém reclama com Deus e Deus diz: mas e o povinho que botei lá? Conhece, né? Pois tá errado. Isso é piada pra americano. O povinho que Deus botou nos esteites é que não é fácil. O mundo tá herdando essa merda de capitalismo que eles bolaram. *Time is money*. Aliás, tudo is money. Humm, delícia essa geladinha! Olha aí! Olha aí! O cara tá caindo em cima de você.

Isabel escorou com a mão como se pudesse conter a imensa multidão que cercava o bar. Um eterno e alto zumbido, repleto de gritos, é o som. Por isso berravam os dois conversando. Isabel mudou de cadeira. Sentou perto de Marcelo. E agora, parceiro? Faz tempo, né?

- É, garota, faz tempo! Não sabia que ia voltar a trabalhar com você!

- Nem eu! Bons tempos!

- Dez anos! Você era uma criança!

- Você também!

- Eu? Tá brincando! Até Getúlio eu cobri!

- De fraldas, né?

- Fralda, não, cueiro, que na minha época bebê usava cueiro. Aliás, a palavra cueiro é engraçada. Era uma tira de pano para segurar o cocô, devia ser cocoeiro, não é?

Os dois riram, e se olharam lembrando quem sabe das velhas aventuras. Isabel revirava o caderno de anotações entre os dedos. Dois espécimes em extinção, talvez pensassem. Fatos não são mais do que invenção. Somos dois poetas, na verdade, uma vez Marcelo havia comentado. É tudo papel. Não, não são fatos, sua boba. Se sai de uma cabeça, é ficção. Somos dois artistas que inventam a realidade. É tudo papel. E eles acreditam em nós. O mais estranho é que eles acreditam. Os próprios fatos acreditam que são fatos, viram matéria de jornal. Consumidos num único dia, acabam nas lixeiras dos prédios ou enrolados nas frias marmidas dos assalariados. É, continuo de esquerda, querida. Não mais uma esquerda festiva, nem disposta a morrer pela pátria. Na verdade, hoje eu sou um pós-esquerdista. É assim que acabam os intelectuais de esquina, os jornalistas de bar.

- Que horror você está? Super-decadente!

- É verdade! Acho que é muita consciência. Não sou amargo, ainda. Mas devo me eleger em breve.

- E os caras-pintadas, o que me diz?

- Essa garotada? É sempre bonito encontrar esperança na rua. Me lembra os meus tempos de *UNE*, depois da ditadura, você sabe!

- Se sei! Não tinha matéria minha que não fosse cortada. Lembra das nossas matérias?

- No jornal? Claro!

- Ia pras bancas com páginas e mais páginas em branco, sem uma linha sequer. Tudo censurado

- Às vezes acho que vivi muitas vidas numa só. Viver no Brasil é um processo.

- E o povo? Aonde entra essa garotada toda pintada?

- Influência da televisão.

Patrícia entrou no meu quarto. Estava grávida e devia fugir, uma espécie de musa que eu idolatrava. Era outro o pai, nem saber do filho queria. Estouraram o aparelho, Marcelo. Estão atrás de mim. Abracei Patrícia e corri com ela. Um pedaço da cortina da sala entrou no meu quarto, se só lembro pedaços. Pedaços de Patrícia, nome de guerra Verônica. Chegamos no apartamento do tio dela. Era major reformado. Nada podia salvar Patrícia a não ser o forçado exílio. Depois a vi esquartejada. Não era Patrícia o que vi, mas parecia. Na verdade, era uma vietnamita brigando pela sua terra. Uma outra guerra que não era minha. Minhas foram as cenas desses tantos anos. Estive em tantas guerras, tanto vi que fiquei assim, meio fraco, Isabel. Patrícia era a minha namorada, já estava grávida quando a conheci. Não morreu, nem foi esquartejada, fugiu pra Londres, nunca mais vi.

- Quantos você calcula aqui? Mais de cem mil?

- Muito mais!

- Lembra da passeata dos cem mil?

- Lembro, mas é tão distante, que parece ser outro tempo, que parece ser outro eu.

- Mais um chope?

- Garçom, mais dois!

O rosto de um menino se achegou a nós. Pintado de verde amarelo, olhos de um profundo azul boca vermelha. Veio pra perto do meu próprio rosto, deixei Isabel e olhei por dentro da lente. Nada especial aconteceu. Apenas a maquiagem dele derretia, se não um velho palhaço, o que via ali desbotado, era o riso do menino. Mais garra, porcaria! - gritei. Você está numa passeata! Berra, garoto, que na idade tenra todo mal deve ser liberado. *Grita!* Gritei junto com ele. Isabel ria e gritava também. Nós três uivávamos pela dor de uma geração que morre enquanto outra desponta. Não desaponta teus pais que deram por ti toda a magia de defender uma terra sem

guerra, sem sangue. Ironia. Sem guerra, sem sangue mas com uma violência que escorre pelo ralo e deságua no mesmo oceano dos grandes embates. *Berra, desgraçado!* - comecei a berrar mais do que ele. Que os que vão te ensinaram a defender a terra dos teus pais. Mais dignidade em teus olhos claros. Levanta o queixo e marcha, *Brasil um sonho intenso um raio vívido, de amor e de esperança à terra desce, desce teu corpo e lambe o chão por onde passou a dor e a tortura. Se não é escravo, menino, não precisa suportar a carga da desgraça. Então ri e berra - Fora seu político filho da puta! Que a gente desperta.*

- Tudo fabricado, menino! Fui eu que inventei a história! Fui eu que desinventei!

- Deixa o menino. Ele não entende.

- Pois devia entender. Onde está a consciência que eu passei pra ele? Vivi tanto e de nada adiantou dizer tanto? Tantas fotos, tanta porcaria, só pra dizer pra multidão o que eu sabia. De que adiantou, Isabel?

- Acho que a gente já bebeu demais!

- Tá certo! Vai, menino! Eu sou um exagerado!

***Gostou? O resto  
você descobre  
encomendando o  
livro em pdf.***